



Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas,
Agrárias e da Saúde

ISSN: 1415-6938

editora@uniderp.br

Universidade Anhanguera
Brasil

de Arruda Vieira, Ângelo Marcos
A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA EM CAMPO GRANDE
Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde, vol. 4, núm. 3, dezembro, 2000, pp. 25-
54
Universidade Anhanguera
Campo Grande, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26040303>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA EM
CAMPO GRANDE: 1950-1980**

Ângelo Marcos Vieira de Arruda

Professor da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

RESUMO

O artigo trata da análise da chegada da arquitetura moderna em Campo Grande, compreendida como a arquitetura que continha elementos de composição organizados a partir dos postulados teóricos de Le Corbusier, na França e que chegou ao Brasil na década de 30 e expressou-se no edifício do Ministério de Educação e Saúde. No caso de Campo Grande, criadas as condições socioculturais, a arquitetura moderna veio com a obra do Colégio Estadual Maria Constança de Barros Machado, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer em 1954, membro do grupo da escola carioca, que detinha a difusão dos elementos do modernismo na arquitetura. A partir de então, Campo Grande passou a sentir os reflexos dessa arquitetura, não apenas como estilo ou como modismo, mas visto que diversos profissionais locais retornavam de seus cursos, carregando a linguagem do modernismo e trabalhando, ainda que inconscientemente com a sua difusão.

Palavras-Chave

Arquitetura moderna,
Arquitetura brasileira,
Arquitetura - Campo Grande.

ABSTRACT

This article shows an analysis of the initial occurrences of the modern architecture in Campo Grande, known as the architecture that presented an arrangement of composition elements following the theoretical principles of Le Corbusier, from France, and that appeared in Brasil in the 30's and were first expressed on the building for the Ministério de Educação e Saúde, in Rio de Janeiro.

In the case of the city of Campo Grande, after being created the sociocultural conditions, the modern architecture appeared with the construction of the Colégio Estadual Maria Constança de Barros Machado, designed by the architect Oscar Niemeyer, a member of the Rio de Janeiro school group. It is a building that holds the diffusion of the elements of the modernism in the architecture.

Since then, the city of Campo Grande has been affected by the reflexes of this architecture not only as a style or as a fashion design, since several local professionals have come back after their graduation carrying the modernism language and working, even though not consciously, on its diffusion.

Key words

Modern Architecture,
Brazilian Architecture,
Architecture in Campo Grande

Desde a chegada dos primeiros moradores em 1875, até a elevação da vila à condição de cidade em 1918, Campo Grande exercia a função de entreposto comercial tal a localização em áreas de campos de pastagens e de passagem para migrantes indo ao norte e ao oeste do País.

Esta sua condição econômico-geográfica, vai exigir do poder público local uma série de medidas urbanísticas que culminaram com a aprovação em 1905 do Código de Posturas; do Plano de Alinhamento de Ruas e Praças, em 1909 e da planta do Rossio em 1910. A vila estava a preparar-se para seu desenvolvimento físico-territorial com os instrumentos urbanísticos mínimos para seu controle. A planta do Plano de Alinhamento foi traçada em cima de bases do urbanismo moderno, com ruas largas – 20,00 e 30,00m, e a avenida central com 50,00m, lotes grandes e um traçado ortogonal.

No início do século XX (1900-1930), Campo Grande já dava seus primeiros passos em direção à modernização da estrutura de seu assentamento e, para tanto, contribuíram a estrada de ferro, a pecuária bovina, a instalação dos quartéis, a chegada dos primeiros engenheiros e arquitetos que, aliadas às condições econômicas, faziam de Campo Grande uma cidade com características diferentes das demais cidades do oeste brasileiro, e essas diversas manifestações contribuíram para a chegada da arquitetura moderna em Campo Grande.

Campo Grande é a capital de Mato Grosso do Sul, um Estado novo¹, criado há muito pouco tempo. Entretanto, desde os anos 40, exercia a função de principal cidade do Estado de Mato Grosso², embora a capital fosse Cuiabá.

A sua riqueza e o seu desenvolvimento, expressos na sua base econômica pecuária e, em grande parte, na sua localização estratégica – passagem obrigatória para todos que vindos do sul, se destinavam ao norte do País, iniciam-se quando ocorre a interligação ferroviária, em 1914, com a Região Sudeste, a mais desenvolvida do Brasil, através da chegada da locomotiva da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB)³. A arquitetura ferroviária iniciou-se com a construção de uma estação de passageiros, um edifício de planta retangular e modulada com empenas em alvenaria de tijolos e cobertura em telha de barro francesa. De origem anglo-belga, o ferro é utilizado na estrutura da cobertura e disposta em pequenas tesouras, ainda hoje existentes.

As ligações históricas da região de Campo Grande, como passagem dos combatentes após a Guerra do Paraguai, fez com que o ministro da Guerra Pandiá Calógeras, transferisse para Campo Grande, nos anos 20, a sede do Comando da 1ª Circunscrição Militar da região sul de Mato Grosso, que até então estava sediada na cidade de Corumbá-MT. Essa medida política foi decisiva para o início da modernização da cidade, com a vinda de engenheiros militares do Rio de Janeiro, que iriam contribuir com a arquitetura e o urbanismo da cidade.

As obras dos quartéis militares em Campo Grande foram construídas pela Companhia Construtora de Santos, de propriedade do engenheiro Roberto Cochrane Simonsen⁴, entre os anos de 1921 e 1923. O conjunto de obras executadas nesse período era composto dos seguintes prédios.

- a) a sede do Comando, localizado na Av. Afonso Pena, com 2 pavimentos;
- b) o Hospital Militar e seus anexos, nas margens dos trilhos da NOB;
- c) os quartéis do 13º Regimento de Artilharia Mista, do 18º Batalhão de Caçadores, de uma Companhia de Metralhadoras, divididos em 2 seções, localizados na porção oeste da cidade, após o bairro Amambaí;
- d) o Regimento de Cavalaria e espaços para práticas desportivas .

A implantação desse conjunto de obras, impulsionou a expansão urbana da vila⁵ para a região oeste. A porção central da cidade interligou-se com os quartéis, na saída oeste, através de duas vias: a Rua 26 de Agosto e a Rua Cândido Mariano Rondon. Tendo com canteiro central arborizado.

A arquitetura militar deste grande conjunto edificado já apresentava sinais de despojamento e ausência de adornos em suas elevações. Eram edifícios sóbrios, com dois pavimentos, aberturas padronizadas e uma modulação estrutural que facilitou o processo construtivo. A cobertura com telhas de barro e as elevações pintadas de branco definem os contornos estéticos dos edifícios.

Outra contribuição para a modernização de Campo Grande, deixada pela empresa de Simonsen, foi a Resolução n.º 43, de 1921, que tratava do Código de Posturas de Campo Grande e do Plano de Expansão da cidade. Até a década de 20, a cidade se organizava-se entre os córregos Prosa e Segredo e nesse polígono

se construíam os edifícios urbanos. Após a chegada da ferrovia, houve uma tendência de crescimento para a região norte e, na Rua 14 de Julho instalavam-se as atividades comerciais. Com a implantação dos quartéis, surgiu a urbanização da região oeste e a implantação do primeiro bairro da cidade, o Amambaí, projetado e instalado pela Intendência Municipal, para abrigar, principalmente os operários urbanos que tinham trabalhado nas obras militares (ARRUDA, 1999).

A cidade, naquela década, estava-se preparando para a expansão urbana, e predominava um certo ecletismo na arquitetura local. Esta região operária oeste seria a região urbana escolhida pelo Governo do Estado, nos anos 50, para abrigar o maior edifício público educacional de Campo Grande, o Colégio Estadual Campo-grandense, projetado por Oscar Niemeyer, marco da arquitetura moderna local.

Na década de 30, outra importante manifestação de transição entre a arquitetura da tradição e a arquitetura da modernidade inicia-se com a construção do edifício - sede dos Correios e Telégrafos em 1933 (Figura 1). Localizado em terreno de esquina – Rua D. Aquino com a Av. Calógeras -, a obra foi projetada por arquitetos do Rio de Janeiro,⁶ mas construída por empresa local, a Thomé & Irmãos Ltda⁷.

A preferência por terrenos de esquina parece ter sido uma recomendação do Departamento Nacional dos Correios e Telégrafos, pois vários edifícios construídos em outras cidades brasileiras foram implantados em terrenos de

esquina de áreas centrais. Conforme Segawa (1998), edifícios dos correios tinham sempre um programa caracterizado por evidente separação de acessos ou por circulações independentes conforme hierarquia funcional, amplos salões de atendimento proporcionados pelo emprego de



Figura 1 - Edifício dos Correio Telegrafos, 1933.
Fonte: Foto Angelo Arruda

estruturas em concreto armado com grandes vãos e despojados de decoração e exteriores de linhas geometrizadas, algumas ao gosto Déco” .

Em Campo Grande, a construção do prédio dos Correios e Telégrafos iniciou em 1933 e foi inaugurado em 1934, e essa moderna agência substituiu outra em edifício alugado construído em estilo eclético em 1922, localizado na Av. Afonso Pena esquina com a Rua 13 de Maio.

O terreno doado pela municipalidade tinha 800,00 m² para abrigar o edifício com dois pavimentos. Dois acessos marcaram a entrada do edifício: um principal, pela Av. Calógeras, que dava ao salão principal com guichês e outro acesso pela Rua Dom Aquino, sendo o primeiro para um salão secundário e outro que conduzia à escada e ao hall dos serviços administrativos localizados no pavimento superior.

A geometrização dos elementos arquitetônicos externos – frisos e molduras de janelas – ou as caixas que ressaltam as fachadas num jogo de volumes de saliências e reentrâncias, deram a esse edifício um caráter que o diferenciava de todos os edifícios construídos em Campo Grande até então⁸.

Ainda em 1933, outra manifestação contribuiu para a inserção de Campo Grande na arquitetura em estilo Art Déco. O comandante militar da cidade, engenheiro e coronel Newton Cavalcanti, a pedido do governo federal, organizou a 1ª Feira de Amostras de Campo Grande⁹, realizada com a clara intenção de expor a potencialidade econômica agropecuária da região. Para marcar esse evento, manda construir dois monumentos na cidade e os inaugura do dia 26 de agosto de 1933: um relógio com 5 metros de altura, na esquina da Rua 14 de Julho com a Av. Afonso Pena e um Obelisco, na Av. Afonso Pena esquina com a Rua José Antônio Pereira, o primeiro já demolido mas que possuía uma clara geometrização de elementos construtivos, na sua base de sustentação. Esses dois monumentos foram, e ainda são, referências iconográficas da cidade e marcaram o registro de uma época de modernidade da cidade.

Essa arquitetura de elementos geométricos conhecida como Art Déco¹⁰ predomina em Campo Grande durante os anos 30. O Déco foi o “*suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas. O cinema (e por associação, alguns teatros) desfilava sua tecnologia em verdadeiros monumentos Déco*” (SEGAWA, 1998, p. 67). Os edifícios dos cines Santa Helena e Alhambra, projetos do arquiteto Frederico

João Urllass¹¹, já demolidos, foram construídos no mesmo ano de 1937, e se somaram ao edifício dos Correios e Telégrafos nesse conjunto de obras dos anos 30.

Outros edifícios dessa década que se somaram ao estilo Art Déco foram o Edifício José Abrão (Figura 2), o Ginásio Municipal Dom Bosco e o Rio Hotel, projetados também pelo arquiteto Frederico João Urllass além das Casas Pernambucanas de Amélio de Carvalho Baís (1905-1970), o Colégio Auxiliadora de Joaquim Teodoro de Faria (1904-1984), o edifício Corumbá, de Otávio Mendonça de Vasconcelos.

O edifício José Abrão, o mais importante deste período, foi projetado para abrigar escritórios e lojas e foi o primeiro edifício de três pavimentos de Campo Grande e, assim que terminou a construção, em 1939, foi alugado para funcionamento de um hotel. Era o maior e o mais elegante prédio da cidade, de acordo com os jornais da época. Ocupa todo o terreno; no andar térreo estão duas moradias e três lojas, sendo a da esquina a maior delas, por ser mais valorizada. Nos dois andares superiores, há 35 quartos com lavatórios preparados para funcionamento de um hotel. A localização do edifício - esquina da Rua 14 de Julho com a Rua Cândido Mariano - permitiu a implantação de uma pequena sacada no primeiro pavimento e outra menor no segundo pavimento que valorizaram a implantação e os elementos de arquitetura do edifício. O revestimento externo, em pó de mica avermelhada, vinha da região de Porto Murtinho, fronteira do Estado com o Paraguai. Os frisos geométricos

verticais nas molduras das janelas e das portas e as letras utilizadas para abertura do nome do edifício evidenciam o estilo Art Déco.

Na administração do prefeito Eduardo Olímpio Machado, em 1938, foi contratado o escritório Saturnino de Brito, do Rio de Janeiro, com a tarefa de elaborar o Plano de Saneamento e



Figura 2 - Edifício José Abrão, 1938
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

Drenagem da cidade e o projeto do sistema de abastecimento d'água da estação do córrego Lageado. Naquela ocasião, o escritório elaborou a primeira Planta Urbana de Campo Grande (figura 3) com levantamento topográfico e a localização cadastral dos imóveis existentes. Por fim, os estudos culminaram com a promulgação do Decreto-lei nº 39, de 31 de janeiro de 1941, o primeiro Plano Diretor da cidade, já com quase 30 mil habitantes (EBNER, 1998).

A década de 30, (particularmente, o ano de 1936), é muito significativa para a história da arquitetura erudita brasileira, através dos projetos do Ministério da Educação e Saúde, de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e equipe (COMAS, 1987), além da obra do Berço, de Oscar Niemeyer e da sede da Associação Brasileira de Imprensa – ABI dos irmãos Roberto, no Rio de Janeiro, em 1936 e do Edifício Esther, de Álvaro Vital Brasil, em São Paulo, de 1935. A arquitetura destes edifícios, projetados seguindo uma arquitetura com referência na doutrina corbusiana,

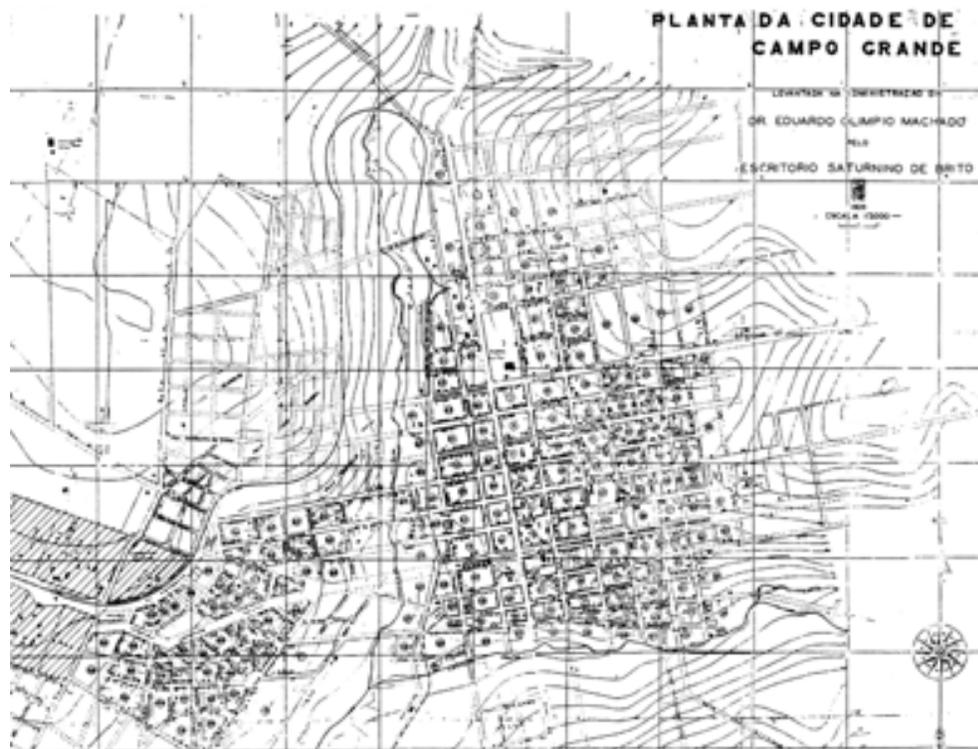


Figura 3 - Planta Urbana de Campo Grande de 1938
Fonte: ARCA

enquanto que, em Campo Grande, esta arquitetura vai-se evidenciar nos anos 50.

OS ANOS 40 E 50

Um novo panorama econômico surgiu nos anos 40, com as imposições comerciais provocadas pela Segunda Guerra Mundial (1936-1945), com graves conseqüências para a construção civil em função da dependência brasileira na importação de materiais básicos como o ferro e o cimento. Somente no final da década começam a ser construídos alguns edifícios de importância para a arquitetura local.

A verticalização da cidade iniciou em 1947, com a construção do Edifício Olinda^{1 2} (Figura 4), na Av. Afonso Pena esquina com a Rua 14 de Julho projetado pelo Eng^o. Otávio de Mendonça Vasconcelos^{1 3} e construído pelo Eng^o. Amélio Baís. Um ano após inaugura-se o Edifício Santa Elisa, atual Edifício Nacao^{1 4}, de 1948, projetado e construído pelo Eng. Joaquim Teodoro de Faria, na esquina da Rua Dom Aquino. A Rua 14 de Julho, principal via comercial da cidade - que ganhou impulso comercial a partir dos anos 20 com a construção da estação de passageiros e dos terminais de carga da ferrovia Noroeste do Brasil - possuía uma tipologia horizontal com casas comerciais térreas ou assobradadas. Com a presença desses dois edifícios, o perfil da rua foi então alterado.

Tanto o Edifício Olinda quanto o Edifício Nacao já apresentavam sinais de modernidade em sua arquitetura, com a adoção de planos frontais retos e aberturas de janelas definindo a composição das fachadas, marcadas pela verticalidade, apesar da volumetria arredondada de implantação em esquina.

Em 1950^{1 5}, a cidade de Campo



Figura 4 - Edifício Olinda, 1948
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

Grande já contava com 39.164 habitantes, segundo o IBGE. Em 1953, o Governo do Estado de Mato Grosso iniciou a construção da primeira obra de arquitetura moderna, a atual Escola Maria Constança de Barros Machado, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, localizada na Rua Y Juca Pirama, atual Rua Cândido Mariano. Na realidade esse projeto construído em Campo Grande é a repetição do mesmo projeto elaborado para a atual Escola Maria Leite de Barros, na cidade de Corumbá-MS, fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul com a Bolívia.

O Colégio Estadual Maria Constança – primeiro nome Liceu Campo-grandense (Figura 5), Ginásio Campo-grandense, depois Colégio Estadual Campo-grandense - contribuiu para as modificações da arquitetura da cidade. Foi edificado pela Construtora Comércio Ltda e teve como responsáveis técnicos os engenheiros Hélio Baís Martins e José Garcia Netto. A obra foi fiscalizada pelo arquiteto João Thimóteo da Costa, do Departamento de Obras do Governo em Cuiabá. Inaugurada no em de 1954, é o marco da arquitetura moderna em Campo Grande.

Ainda na década de 50, começam as atividades profissionais de vários engenheiros que se formam em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Hélio Baís Martins, Anees Salim Saad, Gabriel do Carmo Jabour, dentre outros, destacam-se pela tipologia dos projetos e obras construídas.

Hélio Baís¹⁶ projetou, nos anos 50, a sua residência e a de Plínio Barbosa Martins na Rua 7 de Setembro e as residências de Magno Coelho (fig. 6), na Rua



Barão do Rio Branco e de Laucídio Coelho, na Avenida Afonso Pena, em 1959, edifícios com elementos de arquitetura

Figura 5 - Colégio Maria Constança de Barros Machado, 1959
Fonte: Foto Rachid Waqued Netto



Figura 6 - Residência Magno Coelho 1997
Fonte: Foto Angelo Arruda



Figura 7 - Antigo Dersul
Fonte : IAA

moderna, dentro dos padrões, da estética e da linguagem da arquitetura carioca, com telhado inclinado (teto - borboleta), utilização de materiais de revestimento contemporâneos e grande preocupação com a proteção solar, com o uso de brises-soleil, dentre outros elementos.

Annes Salim Saad¹⁷, projetou o escritório da Comissão de Estradas de Rodagens de MT (Figura 7), na Av. Afonso Pena, em 1957 e o Banco Agropecuário, em 1959 e o Edifício Rio Branco em 1960, estes na Rua Barão do Rio Branco, todos com elementos da arquitetura moderna, como a planta livre, os pórticos e as marquises. Gabriel do Carmo Jabour¹⁸ projetou o Albergue Noturno (Figura 8), em 1958, e o Clube Libanês, em 1959. Este passou a ser o edifício de lazer mais moderno da cidade, com espaços fluidos e elementos de arquitetura moderna, como brises-soleil em peças de concreto e janelas em fita.



Fig. 8 - Antigo Albergue Noturno, 1998
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

A primeira residência de arquitetura moderna em Campo Grande (Arruda 1999) é projetada no ano de 1956,

pelo arquiteto Israel Barros Correia , do Rio de Janeiro – a casa do médico Koei Yamaki, (Figura 9) na Rua Barão do Rio Branco, local onde funciona a sede do Arquivo Histórico de Campo Grande ARCA. Essa residência, construída por Gabriel Jabour, é um projeto com diversos elementos de arquitetura e de composição modernos.

Outra obra de arquitetura moderna da década de 50 é a Clínica de Campo Grande (Figura10), do arquiteto Jorge Wilhelm¹⁹, que projetou em 1957 para diversos médicos da família Neder. Os brises-soleil de proteção da fachada oeste e a planta livre são os destaques dessa obra.

Os primeiros arquitetos que passam a residir na cidade, José Carlos Quaresma Medina, Avedis Balabanian e Cassemiro Guilherme Sória Mendes, também chegam nessa década. O primeiro vai atuar na Prefeitura municipal, no setor de aprovação de projetos e projeta o Hotel Concord; o segundo monta escritório próprio e projeta a Associação dos Dentistas e as piscinas da UFMS e o terceiro projeta uma residência moderna na Av. Mato Grosso e a sede do Departamento Nacional de Obras de Saneamento - Dnos, com uso de pilotis e janelas com proteção solar (Figura 11).

OS ANOS 60 E 70

Os anos 60 marcam a trajetória da verticalização da cidade. Com 65 mil habitantes no ano de 1960, segundo o IBGE, Campo Grande possuía mais habitantes que Cuiabá, a capital do Estado.

Esse crescimento populacional e econômico



Figura 9 - Residência Koe Yamaki, 1998
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 10 - Clínica Campo Grande, 1998
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 11 - Antiga Sede de DNOS, 1994
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

definiu as perspectivas da construção civil na cidade. Novos programas e necessidades sociais, uso de tecnologia construtiva e normas urbanísticas mais rígidas, não davam mais espaço para o trabalho dos construtores práticos dos anos 20 e 30. A década era da modernização da construção civil.

Brasília é inaugurada em 1960. A região Centro-Oeste, outrora espaço regional de pouca perspectiva desenvolvimentista e com baixos adensamentos populacionais, ganha investimentos federais por intermédio de planos e programas estratégicos de desenvolvimento.

O edifício de apartamentos tornou um modelo residencial urbano novo para Campo Grande e ganhou impulso nesta década, inicia-se com o Edifício Rio Branco, na Rua Barão do Rio Branco, em 1960, projeto e construção de Anees Salim Saad, com sete pavimentos. Logo depois, Marcelo Accioly Fragelli²⁰ e Maurício Sued, projetam o Edifício Joselito, na mesma rua, em 1961. O projeto

usa as janelas em fita graças ao recuo dos pilares e uma planta em forma de “H”, com definição dos espaços funcionais bem resolvidos (Figura 12)

Em 1964, a cidade tem seu primeiro arranha-céu: o Edifício Irmãos Salomão, mais conhecido como Galeria São José (Figura 13), situado na Rua 14 de Julho, um empreendimento misto – lojas comerciais e apartamentos -, com catorze pavimentos e uma torre de empenas cegas sob uma base que ocupa todo o terreno. Logo depois, são erguidos outros edifícios: o Dona Neta e a Independência, na Av. Afonso Pena; o Arnaldo Serra e o Conjunto Dom Aquino, na Rua Dom Aquino e o Edifício Sadalla, na Rua XV de Novembro, todos projetados por Anees Salim Saad. No mesmo período, Rubens Gil de Camillo²¹ e Mário Zocchio projetam os edifícios Palácio do Comércio, o Conjunto Itamaraty, o José Antônio Pereira, o Inah, na Av. Afonso Pena e o Conjunto Nacional, na Rua Dom Aquino, com a presença de vários elementos de arquitetura moderna, como o pilotis e os panos livres da fachada.

Ainda nos anos 60, o arquiteto Rubens Gil de Camillo projetou sua primeira obra em Campo Grande, o edifício do Serviço Social da Indústria –



Figura 12 - Edifício Joselito, 1994
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 13 - Edifício São José, 1999
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

Sesi -, um edifício cúbico na Av. Afonso Pena, com protetores solares de concreto em sua fachada oeste e norte (Figura 14).

A arquitetura da escola carioca ainda fazia presença em Campo Grande e em 1965, é inaugurada a Estação Aeroviária de Campo Grande, edifício projetado por arquitetos do Ministério da Aeronáutica no Rio de Janeiro, construída pela Construmat Engenharia Ltda e o Edifício Rachid Neder, na esquina da Rua 13 de Maio com a Rua Barão do Rio Branco, projeto de Jacy Hargreaves, Hélio Brasil e Reynaldo Fanzeres, formados na Faculdade Nacional de Arquitetura -RJ (Figura 15).

Com a vitória do engenheiro da Noroeste do Brasil, Pedro Pedrossian, para o Governo do Estado em 1965, iniciou a fase da presença e difusão da arquitetura paulista em Campo Grande, através do arquiteto Oscar Arine²², Assessor Especial do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá. Oscar Arine projetou o Fórum da cidade de Três Lagoas e diversas escolas para cidades de Mato Grosso²³.

Em 1967, a idéia de criar uma Universidade Estadual, em



Figura 14 - Edifício Sesi, 1999
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 15 - Edifício Rachid Neder, 1999
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

Mato Grosso, ganhou corpo. O Plano Diretor da futura universidade foi entregue aos arquitetos paulistas Sérgio Zaratini e Willian Munford²⁴, inclusive os projetos de arquitetura dos edifícios escolares e administrativos (Figura 16). O Teatro Glauce Rocha (Figura 17), o Restaurante Universitário (Figura 18) e o Hospital são projetados por Armênio Iranick Arakelian²⁵, esse último junto com Oscar Arine. Avedis Balabanian²⁶ projetou o Parque Aquático. Para completar o conjunto arquitetônico da UFMS, o estádio de futebol foi projetado por Cyríaco Maymone Filho²⁷ e o Ginásio de Esportes pelo arquiteto Jurandir Santana Nogueira, anos depois.

A arquitetura desse conjunto universitário vem expressar, em Campo Grande, a linguagem do movimento moderno da escola paulista, do racionalismo e do brutalismo, com o uso maciço do concreto aparente, de protetores solares, da modulação estrutural e das amplas aberturas de vidro.

Uma outra obra projetada pelos arquitetos paulistas trazidos por Oscar Arine foi o Centro Educacional Lúcia Martins Coelho, de Raymundo de Paschoal, Haron Cohen, Antonio A. Foz e Laonte Klawa, de 1969.

Em 1966 e 1967, sinais da escola carioca em duas outras obras modernas edificadas na cidade ainda estão presentes: o Hotel Campo Grande (Figura 19), dos arquitetos Alberto Botti e Marc Rubin e o Fórum da cidade, atual Centro Cultural José Otávio Guizzo, de autoria do arquiteto João Thimóteo da Costa²⁸, de Cuiabá, obra que foi construída



Figura 16 - Vista Aérea Campus UFMS, 1999
Fonte: Rachid Waqued Neto



Figura 17 - Teatro Glauce Rocha
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 18 - Restaurante Universitário, 2000
Fonte: Foto Angelo Arruda

também em Corumbá. Empenas cegas e inclinadas, estrutura independente e outros elementos estão presentes nestes edifícios.

Em 1968, a empresa Hidroservice Engenharia Ltda elaborou o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Campo Grande, com novas diretrizes de estrutura urbana, uso do solo e sistema viário .

Nos anos 70, a cidade com mais de 130 mil habitantes, continuou apresentando altas taxas de crescimento demográfico. A riqueza econômica do sul do Estado de Mato Grosso, com a modernização da agricultura e da pecuária em curso, contribuiu para a continuidade da verticalização da cidade. Dessa vez são as incorporações dos edifícios da empresa Construmat Engenharia Ltda, cujos projetos, em sua grande maioria, foram elaborados pelos Arquitetos Celso Costa e Eudes Costa²⁹ tais como os edifícios Gemini, Concorde, Polaris, Vanguard e Apolo, todos com 12 ou mais pavimentos.

O escritório Celso e Eudes Arquitetos Associados projetou, ainda nessa década, outros edifícios modernos, sendo um deles o Hospital da Santa Casa de Misericórdia, com 600 leitos, o maior da região Centro-Oeste, além do Hospital Pró-Matre, que possui uma vedação frontal de cobogós de concreto, e as sedes das instituições de ensino da Moderna Associação Campograndense de Ensino – MACE e o Centro de Ensino Superior Prof. Plínio Mendes dos Santos – CESUP, atual Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP (Figura 20), estes últimos, edifícios de planta circular, tipologia bastante usada no modernismo.



Figura 19 - Hotel Campo Grande, 1999
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 20 - Antigo CESUP
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto



Figura 21 - Residência Antonio Barbosa de Souza, 1994
Fonte: Foto Rachid Waqued Neto

A arquitetura local destaca-se nas obras projetadas por arquitetos da escola carioca, tais como o Edifício Sede do INSS, projetado por Carlos Henrique de Oliveira Porto³⁰; o Colégio Joaquim Murtinho de Nilson Azevedo e Gustavo Arruda, de 1971; o Edifício das Repartições Públicas Estaduais – ERPE atual Fórum da Comarca de Campo Grande, de Luís Paulo Conde e Flávio Marinho Rego, de 1972; e outros da escola paulista, como a residência de Roberto Nachif, de Siegbert Zanetinni; a residência de Antônio Barbosa de Souza de João Batista Vilanova Artigas (Figura 21); o edifício de escritório das Centrais Elétricas de Mato Grosso onde funcionou o Museu de Arte Contemporânea, de Eurico Prado Lopes³¹; os Edifícios Antares e Cosmos, de João Carlos Bross e Ricardo Leitner, todos de 1974 e a sede do Unibanco, projetada por Sidônio Porto, em 1978.

São ainda dessa década os projetos do Paço Municipal de Campo Grande, com a sede da Prefeitura e da Câmara de Vereadores, projetados por Cyríaco Maymone Filho em 1971, edifícios de planta livre, fachada livre e uso abundante de concreto aparente em formas geométricas; a Capela do Hospital São Julião, de Jurandir Santana Nogueira, de 1972; a agência central da Caixa Econômica Federal, de Hélio Baís Martins, de 1973 e o Edifício General Etchengoyen, de Jurandir Santana Nogueira, esses profissionais residentes na cidade.

Em 1977, o arquiteto Jaime Lerner elaborou o Plano de Diretrizes da Estrutura Urbana de Campo Grande que se transformou em Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano e vigorou, com muitas modificações, até o ano de 1988.

OS ANOS 80

A arquitetura moderna já estava presente na cidade e em seus edifícios, projetados por arquitetos da cidade ou residentes em outros lugares. Com a difusão da arquitetura moderna, de origem paulista ou carioca, vai se formando a nova identidade da cidade que estava prestes a se transformar na capital do mais novo Estado brasileiro: Mato Grosso do Sul, criado em 1977 e instalado o governo em 1979.

A divisão do Estado de Mato Grosso alterou as relações econômicas, sociais e culturais da nova capital, Campo Grande. A atração pelo novo Estado, a riqueza oriunda da soja e do gado bovino, o centro do poder político estadual e a localização estratégica em relação a São Paulo trouxeram mudanças nas relações empresariais locais atraindo migrantes de todas as partes do País.

Profissionais que estudaram arquitetura e urbanismo no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e outras localidades passam a morar e constituir seus escritórios na cidade. Esses arquitetos iniciam a atuação no mercado de trabalho da cidade e do Estado, principalmente com o advento dos concursos públicos de projeto de arquitetura, seja por ocasião da construção do Parque dos Poderes ou de algumas obras da Prefeitura Municipal de Campo Grande.

No Parque dos Poderes, centro político e administrativo do Estado, situado no setor leste da cidade, dentro de uma reserva ecológica com área de mais de

200 hectares, encontra-se um conjunto de edifícios públicos de arquitetura moderna paulista um pouco tardia, construídos no ano 1982, todos projetados por arquitetos locais: os blocos de Secretarias de Estado (Figura.22), de Alex Maymone da Silva e Jesus Edmir Escalante Ribeiro; a Assembléia Legislativa (Figura 23) e o Tribunal de Justiça, de Jurandir Nogueira, Ângelo Marcos Arruda e Aldo Matsuda; o



Figura 22 - Secretaria do Estado, 1994
Foto: Rachid Waqued Neto



Figura 23 - Assembléia Legislativa, 1994
Foto: Rachid Waqued Neto



Figura 24 - Palácio Popular da Cultura, 1999
Foto: Rachid Waqued Neto

Centro de Convenções do Palácio Popular da Cultura (Figura 24), de Rubens Gil de Camillo, Ricardo de Mello Spengler e equipe; o Clube dos Servidores Estaduais, de Sérgio Ferreira dos Santos, Deise Pavani e Osvaldo Siqueira Jr. São edifícios com planta livre e fachada livre e uso de concreto aparente como revestimento externo e uma grande integração com o meio ambiente.

A cidade, como capital do novo Estado, desenvolveu-se numa grande velocidade. A população dobrou de uma década para a outra atingindo mais de 280 mil habitantes em 1980, e apresentando fluxo migratório interno e externo intenso, aumentando a pressão no setor habitacional e nos serviços públicos.

Com o crescimento econômico e populacional e a expansão do sistema bancário nacional, a cidade atraiu capitais financeiros e, nessa década, diversas instituições construíram suas agências, todas projetadas por escritórios de outros estados, principalmente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. São obras de arquitetura moderna, quase todas de expressão brutalista, com uso intenso de concreto aparente e vidro.

Entram na lista das edificações bancárias do início da década de 80, o Banco Bandeirantes, de Luis Arthur G. Navarrete; o Banco Safra e o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e o Banco Safra, na Rua Cândido Mariano, de Sidônio Porto; o Banco do Estado de São Paulo, na Rua Cândido Mariano, de Miguel Juliano, atual Templo da Igreja Universal do Reino de Deus; o Banco Itau, do Grupo Itauplan; o Banco Francês e Brasileiro, de Armando Gustavo Fausto de Souza e Lauro Veloso Malaquias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses 30 anos de arquitetura moderna em Campo Grande (1952-1982), há uma visível e clara alteração das linguagens aplicadas nos edifícios aqui referenciados.

De um lado a escola paulista , com manifestações brutalistas em diversos edifícios tais como o Museu de Arte Contemporânea, a residência de Antônio Barbosa de Souza, os edifícios do Campus da Ufms e do Parque dos Poderes, dentre outros , com uso do concreto aparente e janelas envidraçadas em grande escala.

Do outro lado, a arquitetura elaborada com base na linguagem da chamada escola carioca moderna, de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Dessa escola podemos destacar os edifícios do Colégio Maria Constança de Barros Machado, a sede do INSS, o Centro Cultural José Otávio Guizzo e o Sesi, como alguns dos edifícios públicos; as residências de Hélio Baís e de Plínio Martins e de Koei Yamaki; os edifícios residenciais Rachid Neder e Joselito e os edifícios comercial e de serviço do Hotel Campo Grande e do Clube Libanês, projetos funcionalistas com diversos elementos de arquitetura moderna carioca, tais como brises soleil, empenas cegas ou inclinadas, uso de azulejos decorativos, pilares de seção circular, fachadas livres e elementos compositivos formais como a univolumetria dominante e a utilização de formas geométricas puras na criação dos volumes.

NOTAS

¹ *Campo Grande é a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, criado em 11 de outubro de 1977 e instalado o governo em 1º de janeiro de 1979. Em 1999, Campo Grande completou 100 anos de emancipação político-administrativa e 20 anos sediando a capital do Estado.*

² *Segundo os dados dos Censos Demográficos do IBGE : em 1950 – Campo Grande (31.708 hab.) e Cuiabá (46.204 hab.) ; em 1960 , Campo Grande (73.258 hab.) e Cuiabá (56.828); em 1970, Campo Grande (140.233 hab.) e Cuiabá (100.860) ; em 1980 , Campo Grande , já capital de MS (291.777 hab.) e Cuiabá (212.984) .*

³ *Fundada a Companhia NOB , de capitais mistos brasileiro e francês, inicia-se, em 1905, a construção da estrada que iria ligar Bauru (SP) a Cuiabá(MT),passando por Itapura (SP),*

fronteira com MT , no Rio Paraná. Estudos elaborados pelo engenheiro Emílio Schnoor , apresentados no Clube de Engenharia do RJ , em 1906, propunham a mudança da rota, dessa vez de Itapura a Corumbá, priorizando o Plano intercontinental de ligação do Oceano Atlântico ao Pacífico. A obra durou nove anos, quando, em 1914, se fez a ligação em Campo Grande. (MÔNACO, 1999)

⁴ O engenheiro Simonsen foi o introdutor dos princípios tayloristas no Brasil, quando publicou o livro O Trabalho Moderno, em 1919. Entre 1921 e 1924 sua empresa administrou e construiu , simultaneamente, 26 quartéis de grande porte em nove estados brasileiros. Simonsen foi um dos baluartes da industrialização no Brasil e pode-se relacionar os possíveis contatos que teve com o Werkbund alemã. Simonsen era, em 1908, redator da Revista Polytechnica que publicou a pioneiríssima crítica de modernidade construtiva sobre a estação Mairinque de Victor Dubugras a qual onde podemos relacioná-lo com manifestações de arquitetura moderna. Ele era um dos onze brasileiros que tinham assinatura da Revista L' Esprit Nouveau de Le Corbusier. Foi ainda a sua Construtora que trouxe para o Brasil, o arquiteto russo Gregori Warchavchik , nos meados da década de 20 (SEGAWA, 1998).

⁵ Campo Grande em 1920 tinha pouco menos de 3.500 habitantes na zona urbana e uns 18 mil residentes na zona rural.

⁶ O mais ambicioso projeto nacional de normalização arquitetônica oficial foi concebido no Departamento de Correios e Telégrafos. Entre os anos 30 e 40 foram construídas sedes regionais nas capitais e agências nas principais cidades brasileiras : Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador , Vitória , Belo Horizonte, Curitiba e Florianópolis, dentre outras capitais e Campo Grande, no Estado de Mato Grosso ... Em dez anos, 141 agências foram construídas, e dentre os arquitetos contratados apuramos Raphael Galvão, Paulo Candiota e Mário Fertin (SEGAWA, 1998).

⁷ Esta era a maior empresa de construção civil do sul de Mato Grosso. Realizou mais de quarenta obras militares e possuía uma estrutura grande para a época.

⁸ Até os anos 30, a arquitetura em Campo Grande era construída pelos frentistas italianos, portugueses e espanhóis. Os frentistas, como eram chamados pela sociedade os profissionais que adornavam e embelezavam as fachadas com motivos decorativos da arquitetura Art Nouveau ou Neoclássica de suas origens européias, tinham o domínio da construção civil em Campo Grande , durante a década de 20 . Os adornos de fachadas estão, ainda, espalhados nas testeiças de vários edifícios centrais (como a Casa do Artesão e a Loja Maçônica Oriente), construídos nos anos 20 (ARRUDA, 1999).

⁹ Essa Feira de Amostras era preparatória dos Estados para a VII Feira Internacional de Amostras de 1934 ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, no aterro onde está hoje o Museu de Arte Moderna. Várias construções de traços Déco foram erguidas nessa vitrine da produção industrial e agrícola brasileira (SEGAWA, 1998, p. 62).

¹⁰ O Art Déco foi um conjunto de manifestações artísticas originado na Europa e que se expande para as Américas do Norte e do Sul, inclusive para o Brasil, nos anos 20. Seu lançamento ocorre na Exposition Internationale de Arts Décoratives et Industrielles Modernes, ocorrida em Paris, em 1925. O Art Déco definia-se como Decorativo, para se contrapor ao movimento moderno; como estilo internacional, ao lado do movimento moderno e contra as correntes que propugnavam por expressões nacionais; como estilo industrial, associado à sociedade nascente e como moderno, associando sua imagem aos arranha-céus, aviões, automóveis, cinema, rádio, moda etc. (Guia da Arquitetura Art Déco do Rio de Janeiro, 1997, p. 9-10).

¹¹ Frederico João Urlass (1902-1960), nasceu na cidade de Rothenbach, região da Saxônia, na Alemanha e veio formado em arquitetura de Hamburgo para o Brasil em 1925, residindo em São Paulo. Em 1927 trabalhou com o Eng^o. Hyppolito Pujol Júnior na obra do Teatro Pedro II de Ribeirão Preto-SP de arquitetura eclética. Chegou a Campo Grande em 1930 e trabalhou em Miranda-MT, construindo a Igreja dos Padres Redentoristas. Em Campo Grande foi o responsável técnico pela empresa construtora Thomé & Irmãos Ltda, de 1931 a 1938. Urlass fez a base do Relógio da Rua 14 de Julho, o Obelisco e mais de outras quarenta obras construídas pela empresa Thomé & Irmãos. Faleceu em 1960, depois de passar treze anos, desde 1947, trabalhando na Comissão de Estradas de Rodagens de MT, em Cuiabá (URLASS, 1998).

¹² Localizado na esquina da Av. Afonso Pena com a Rua 14 de Julho, de propriedade de Nemtalla Sadalla, é o primeiro edifício alto da cidade com cinco pavimentos, dotado de elevador e salas destinadas para escritórios.

¹³ Nascido em 1918, forma-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e a partir dos anos 40 passa a ser o responsável técnico pela empresa Thomé & Irmãos Ltda, com a mudança de Frederico Urlass para a cidade de Cuiabá. Projeta, também, o Ed. Corumbá, na Rua Dom Aquino, a sede da Associação dos Criadores de Mato Grosso-ACRIMAT, na Rua 13 de Maio e diversas residências.

¹⁴ De propriedade de Naim Dibo, foi o segundo prédio mais alto da cidade, com seis pavimentos, destinado a escritórios, localizado na Rua 14 de Julho com a Rua Dom Aquino.

¹⁵ O censo de 1950 registra 7.477 prédios, sendo 3.508 servidos de abastecimento de água e 1.842 ligações de rede de esgoto. O "bungalow" era predominante e ainda havia 10% das casas em madeira (IBGE, 1954).

¹⁶ Filho de Vespasiano Martins, importante político local, forma-se na Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro em 1952 e vai para Cuiabá trabalhar na Comissão de Estradas de Rodagens-CER. Em 1953 vem para Campo Grande e assume a Secretaria de Obras e, junto com Anees Saad, constrói o Mercado Municipal, praças e várias outras obras e depois monta escritório próprio. Era um admirador da arquitetura moderna carioca dos anos 40 e 50. (BAÍS, 1998).

¹⁷ Formado pela Politécnica de São Paulo em 1954 , trabalha sete anos na Prefeitura de Campo Grande e monta seu escritório em 1957.

¹⁸ Formado pela Politécnica de São Paulo em 1954, na turma de Anees Saad e Paulo Salim Maluf , monta seu escritório em 1956.

¹⁹ Logo depois de formado, foi convidado pela família Neder para projetar a cidade de Angélica , em 1956, localizada à 200 km de Campo Grande. Projetou, ainda uma residência na Av. Afonso Pena, em 1960.

²⁰ Formado no Rio de Janeiro, de família de Campo Grande , torna-se um dos mais importantes arquitetos contemporâneos brasileiros, responsável pela maioria das obras do Metrô de São Paulo. Em Campo Grande, projeta ainda duas residências: a casa de Renato Ribeiro , na Rua XV de Novembro e outra residência na Av. Afonso Pena, quase esquina com a Rua 13 de Junho.

²¹ Embora nascido em São Paulo , sua família morava em Campo Grande. Formado na Faculdade de Arquitetura do Mackenzie , em 1959 , seu escritório em São Paulo , em sociedade com Mário Zocchio , projeta muitos edifícios em Campo Grande da década de 60.

²² Formado na FAU/Mackenzie, São Paulo , em 1964, monta uma equipe de arquitetos em Cuiabá , no Gov. Pedrossian, que elabora diversos projetos para o Estado: Paulo de Melo Bastos, o Centro Educacional de Corumbá ; Jane Villares , a escola de Coxim ; e mais Roberto Galvão, Motoi Tsuboichi, Júlio Yamamoto, Léo Bonfim, , Caio Boucinhas, que desenvolvem vários projetos públicos.

²³ Em 1965 , com Paulo de Mello Bastos e Léo Bonfim Jr. trabalham no projeto dos Quartéis do II Exército de São Paulo, vencedor de concurso nacional. Em 1969 esse projeto é premiado na X Bienal de São Paulo . Através do Ministro e embaixador Roberto Campos , que é cuiabano, é apresentado a Pedro Pedrossian, e com o seu prêmio na Bienal e a obra militar lhe dão as condições para atuar num novo estado fora do eixo Rio-São Paulo.

²⁴ Depois, no ano de 1976, na EMURB- São Paulo, atua no projeto de organização da Praça da Sé. (XAVIER, 1983).

²⁵ Formado na USP, em 1966 , vem para Campo Grande e é convidado por Oscar Arine para projetar para o Estado, em 1967.

²⁶ Formado em 1961 pela FAU/ Mackenzie , de São Paulo, Avedis Balabanian projeta também em 1966 , a sede do Clube União dos Sargentos e dirige o escritório local do Departamento de Estradas e Rodagens de MT, em 1967.

²⁷ No Rio de Janeiro , em 1951, tenta vestibular para arquitetura , juntamente com Sebastião Lima, e durante três anos não consegue entrar na Faculdade Nacional do RJ. Conclui curso de grau médio e monta escritório em Campo Grande em sociedade com o Engº. Alfio de

Souza. A prática projetual obtida no RJ garante-lhe grande volume de trabalhos : a sede do Paço Municipal , os hangares de Elisbério Barbosa e Laucídio Coelho, o Ginásio da União Campograndense de Estudantes-UCE, e diversas residências.

²⁸ *Formado na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil , no RJ, em 1953, desloca-se para Cuiabá em 1955 e atua no setor público durante décadas.*

²⁹ *Formado na Faculdade Nacional de Arquitetura , em 1967, Celso Costa trabalha na Prefeitura de Campo Grande , com José Carlos Q. Medina e depois na Construmat , quando monta escritório com seu irmão que passa a projetar para a Construmat.*

³⁰ *Autor do projeto da Escola Industrial do Rio de Janeiro, de 1942, publicada no livro Brazil Builds, editado pelo MOMA Nova York, em 1943.*

³¹ *Em 1977 projeta o Centro Cultural de São Paulo, com Luís Benedito de Castro Telles*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUITETURA Brasileira após Brasília. Depoimentos: Luís Paulo Conde, Júlio Katinsky, Miguel Pereira e outros. Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.

ARQUITETURA Brasileira após Brasília. Depoimentos: Carlos M. Fayet, F. Assis Reis, Marcelo Fragelli, Ruy Ohtake. Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.

ARQUITETURA Brasileira após Brasília. Depoimentos: Edgar Graeff, Flávio Marinho Rego, Joaquim Guedes, João Filgueiras Limas. Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.

ARRUDA, Â. M. V. et al. **Formação econômica e territorial de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. Uniderp, 1991.

_____. A arquitetura e o Urbanismo de Campo Grande. **Ensaio e Ci**. Campo Grande, v. 2, p. 9-40, 1999.

_____. **Arquitetura em Campo Grande**. Campo Grande: Ed. Uniderp, 1999.

ARANTES, O. (Org.). Arquitetura nova. **Arte em Revista**, São Paulo, n.2, 1980

ARQUITETURA no Brasil: depoimentos. **R. Arquitetura Panamericana** [S. l.], n. 4, maio 1996.

BAYEUX, G. M. **O debate da arquitetura moderna brasileira nos anos 50**. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo.

BONDUKI, N. **Afonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1999.

- BRAZIL, M. S. **50 anos de arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BRITO, M. S. **História do modernismo brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BRUAND, I. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- CARDOZO, L. A. F.; OLIVEIRA, O. (Org.). **Discutindo o modernismo**: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil. 1997. Dissertação. (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CARVALHO, B. A. **Arquitetura no tempo e no espaço**. São Paulo: Freitas Bastos, 1968.
- CASTRIOTA, L. B. (Org.). **Arquitetura da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO. **Guia da Arquitetura Art Déco do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria de Urbanismo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.
- COMAS, C. E. D. **De arquitetura, de arquitetos e alguma coisa que sei a seu respeito**. Buenos Aires: Summa 1993.
- _____. Protótipo e monumento, um ministério, o ministério. Projeto: São Paulo, n. 102, p. 137-149, ago. 1987.
- _____. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a re-conhecer. **Arquitetura Revista**: Rio de Janeiro, n. 5, p. 22-28, 1987.
- _____. Arquitetura moderna, estilo Corbu Pavilhão brasileiro. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 26, p. 92-101, out./nov. 1989.
- COMAS, C. E. (org.). **Projeto arquitetônico**: disciplina em crise, disciplina em renovação. São Paulo: Projeto, 1986.
- CORONA, E.; LEMOS, C. A.C. **Dicionário de arquitetura brasileira**. São Paulo: Ediart, 1982.
- CORREA, M. S. **Oscar Niemeyer**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1996.
- COSTA, L. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa de Artes, 1995.
- _____. Sobre arquitetura. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.

CUNHA, F. A. M. (Coord.). **Caampo Grande**: 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz, 1999.

CZAJWOSKI, J. Arquitetura brasileira: produção e crítica. **Projeto**, São Paulo, n. 87, p. 78, maio 1986.

_____. **Jorge Machado Moreira**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

DELFIN, A. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil/ Departamento de Pernambuco, 1991.

EBNER, I. A. R. **Vazios Urbanos**: uma abordagem do ambiente construído. 1997. 216f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - USP. São Paulo.

FAERSTEIN, E. et al. **Depoimentos do inquérito nacional da arquitetura**. Rio de Janeiro: Institutos de Arquitetos do Brasil, 1982.

FISCHER, S.; ACAYABA, M. M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto Editores, 1982.

FONSECA, I. A. **Análise da arquitetura moderna**. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1950**. Rio de Janeiro, 1954.

FROTA, L. C. **Alcides Rocha Miranda**: caminhos de um arquiteto. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

GRAEFF, E. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro. Gertrum Carneiro, 1948.

_____. **O edifício**. São Paulo: Projeto Editores, 1978.

GUIMARÃES, C. **Lúcio Costa**: um certo arquiteto em incerto e secular roteiro. Rio de Janeiro. Relume-Dumarã, 1996.

KRÜGER, M. J. T. A arquitetura das tipologias. **Projeto**: São Paulo, n. 82, p. 103-107, dez. 1985.

LE CORBUSIER. Rio de Janeiro: 1929-1936. Yannis Tsiomis (Org.). Paris: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

LEMOS, C. A.C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MAHFUZ, E. C. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

_____. Composição e caráter e a arquitetura no fim do milênio. **Projeto**, São Paulo, n. 195, p. 98-101, abr. 1996.

_____. Tradição e invenção (uma dialética fundamental). **Arquitetura e Urbanismo**; São Paulo, n. 12, p. 70-74, jun./jul. 1987.

_____. Nada provém do nada: a produção da arquitetura vista como transformação do conhecimento. **Projeto**, São Paulo, n. 187, p. 89-95, jul. 1995.

_____. O Clássico, O Poético e o Erótico. **Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, n. 15, p.60-68, dez87/jan/88.

MAHFUZ, A. Dois palácios e uma praça. 1996. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARTIN, H. B. **Depoimento concedido**. Campo Grande, fev. 1998.

NIEMEYER, O. **A forma na arquitetura**. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

_____. **As curvas do tempo**: memórias. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

NOBRE, A. L. Carlos Leão. **Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, n. 48, p. 69-80, jun./jul. 1993.

PEIXOTO, M. S. **Sistemas de Proteção de Fachadas da Escola Carioca**: de 1935 a 1958. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PENEDO, A. **Arquitetura moderna em São José dos Campos**. São José dos Campos: A. Penedo, 1997.

PEREIRA, M. S. **Os Correios e Telégrafos no Brasil**: um patrimônio histórico e arquitetônico. São Paulo: MSP/ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1994.

PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura, texto e contexto**: o discurso de Oscar Niemeyer. Brasília: EdUnb, 1997.

PETIT, J. **Niemeyer**: poeta da arquitetura. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1997.

RINO, L. **Arquiteto**: obras 1928-1940. São Paulo: Brasiléia, 1940.

SANTOS, P. F. **Quatro séculos de arquitetura**. Rio de Janeiro, IAB, 1981.

_____. A arquitetura moderna e suas raízes. **Arquitetura Revista**, Rio de

Janeiro, n. 5, p. 60-79, 1987.

SANTOS, C. R. et. al. Le Corbusier e o Brasil. **Projeto**, São Paulo; n. 102, p. 129-130, ago. 1987.

SANVITTO, M. L. A. **Brutalismo paulista**: uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil**: anos 80. São Paulo. Projeto, 1988..

_____. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. A arquitetura da capital do novo Estado. **Projeto**: São Paulo, n. 96, p. 67-88, jan. 1982.

_____. A atividade bancária e sua arquitetura. **Projeto**: São Paulo, n. 67, p. 50-54, set. 1984.

_____. **Oswaldo Arthur Bratke**. São Paulo: Proeditores, 1997.

SOUZA, A. **Arquitetura no Brasil**: depoimentos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SOUZA, R. F. C. **Trajetórias da arquitetura modernista**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1982.

VILANOVA ARTIGAS: arquitetos brasileiros. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi/Fundação Vilanova Artigas, 1997.

WEIMER, G. A arquitetura. Porto Alegre: Ed.URGS, 1992.

XAVIER, A.; CORONA, E.; LEMOS, C.(Org.). **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini, 1988.

_____. **Arquitetura moderna em Curitiba**. São Paulo: Pini, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1989.

_____. **Arquitetura moderna brasileira**: depoimentos de uma geração. São Paulo: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura.

_____. BRITTO, A.; NOBRE, A. L. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Rioarte. 1991.

_____. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Rioarte, 1991.

_____. MIZOGUCHI, I. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: PINI, 1987.

ZEIN, R. V. **Arquitetura brasileira atual**: as tendências e as discussões do pós-Brasília (1), nos últimos anos surgem os novos caminhos e tendências. **Projeto**, São Paulo, n. 53, p. 75-124, jul. 1983.